



**PRÁTICA EDUCATIVA NA FEIRA PEDAGÓGICA DE
AGRICULTURA FAMILIAR NA ESCOLA NICOLAU NERES DA
SILVA EM IRITUIA-PA**

**EDUCATIONAL PRACTICE IN THE FAMILY AGRICULTURE
PEDAGOGICAL FAIR AT ESCOLA NICOLAU NERES DA SILVA
IN IRITUIA-PA**

**PRÁCTICA EDUCATIVA EN LA FERIA DE AGRICULTURA
FAMILIAR DE LA ESCUELA NICOLAU NERES DA SILVA DE
IRITUIA-PA**

Damiana Jandrenalina Freitas dos Reis¹
Miranilde Oliveira Neves²

DOI: 10.54751/revistafoco.v17n2-109

Received: January 2nd, 2024

Accepted: February 13th, 2024



RESUMO

A pesquisa em foco visou investigar o fazer pedagógico, a partir da essência da prática e da valorização dos produtos agrícolas da região amazônica. Para isso, tomou como ponto de partida, a Feira Pedagógica da Agricultura Familiar – Projeto elaborado para estimular os estudantes da Escola Estadual de Ensinos Fundamental e Médio Nicolau Neres da Silva, no município de Irituia-Pará, a desenvolverem ações na comunidade com vistas à aprendizagem real e significativa no contexto escolar. Participaram dessa pesquisa de campo e de cunho qualitativo, 19 estudantes do Ensino Médio (do 1º ao 3º ano) – os quais estavam diretamente envolvidos na organização e planejamento da feira. Nesse sentido, pode-se afirmar que o projeto conseguiu reunir conhecimentos teóricos a situações práticas – como maior desenvolvimento na comunicação oral, argumentação, cálculos matemáticos, raciocínio lógico, interação com o público externo à escola e resolução de problemas. Além disso, a pesquisa foi relevante porque divulgou a experiência de uma escola pública que atende a estudantes do campo, os quais mesmo não tendo acesso total a políticas públicas eficazes de apoio para desenvolver muitos projetos, ousam fazer a diferença e mostram a cada dia, a necessidade e a importância de os educadores valorizarem a cultura e a identidade que cada estudante traz.

Palavras-chave: Agricultura familiar; feira pedagógica; Irituia.

¹Graduada em História. Universidade Norte do Paraná. Maximino Porpino, Castanhal – PA, CEP: 68740-970.

E-mail: jandrenalina@gmail.com

²Doutora em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Rodovia BR 316, Km 61, s/n, Saudade II, Castanhal – PA, CEP: 68740-970. E-mail: miranilde.oliveira@ifpa.edu.br

ABSTRACT

The research in question aimed to investigate pedagogical practice, based on the essence of the practice and the valorization of the Amazon region agricultural products. To do this, it took as its starting point the Family Farming Pedagogical Fair - a project designed to encourage students at the Nicolau Neres da Silva State School of Elementary and Secondary Education in the municipality of Irituia-Pará, to develop actions in the community with a view to real and meaningful learning in the school context. This qualitative field research involved 19 high school students (from the 1st to the 3rd year) - who were directly involved in organizing and planning the fair. In this sense, it can be said that the project managed to combine theoretical knowledge with practical situations - such as greater development in oral communication, argumentation, mathematical calculations, logical reasoning, interaction with the public outside the school and problem solving. In addition, the research was relevant because it disseminated the experience of a public school that serves rural students, who, despite not having full access to effective public support policies to develop many projects, dare to make a difference and show every day the need and importance for educators to value the culture and identity that each student brings.

Keywords: Family farming; educational fair; Irituia.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue investigar el proceso pedagógico, basado en la esencia de la práctica y la valorización de los productos agrícolas de la región amazónica. Para ello, se tomó como punto de partida la Feria Pedagógica de la Agricultura Familiar - proyecto destinado a incentivar a los alumnos de la Escuela Estadual de Enseñanza Fundamental y Media Nicolau Neres da Silva, del municipio de Irituia-Pará, a desarrollar acciones en la comunidad con vistas a un aprendizaje real y significativo en el contexto escolar. Esta investigación de campo cualitativa contó con la participación de 19 alumnos de enseñanza media (de 1º a 3º año) - que participaron directamente en la organización y planificación de la feria. En este sentido, se puede decir que el proyecto consiguió combinar conocimientos teóricos con situaciones prácticas - como un mayor desarrollo en comunicación oral, argumentación, cálculos matemáticos, razonamiento lógico, interacción con el público fuera de la escuela y resolución de problemas. Además, la investigación fue relevante porque dio a conocer la experiencia de una escuela pública que atiende a alumnos rurales, quienes, a pesar de no tener pleno acceso a políticas públicas de apoyo efectivas para desarrollar muchos proyectos, se atreven a marcar la diferencia y muestran todos los días la necesidad y la importancia de que los educadores valoren la cultura y la identidad que cada alumno trae consigo.

Palabras clave: Agricultura familiar; feria educativa; Irituia.

1. Introdução

O processo educacional na Amazônia, seguindo o modelo do Brasil, foi construído de modo homogeneizador, mas do que isso, centralizador e monocultural, com isso invisibilizou algumas políticas públicas, como as políticas aos povos do campo. Assim, mesmo que os vários artigos da Lei de Diretrizes e

Base da Educação (LDB/1996), versem por uma educação plural e diversa, o processo educacional na prática, não respeita algumas pluralidades no Brasil e na Amazônia.

Diante de todas as transformações que já ocorreram na educação básica brasileira, ainda temos muitos desafios quanto à questão de ter um processo educacional que de fato possa ser plural com respeito às identidades dos estudantes, em especial, no campo. Se por um lado, há ausência de políticas públicas eficazes para a educação da população camponesa, por outro lado, vemos que há escolas, que insistem em *quebrar os arames do latifúndio do saber* e promover uma educação que respeite a diversidade, é o caso da escola estadual Nicolau Neres da Silva, localizada na área rural da Amazônia paraense.

Este artigo apresenta a experiência da feira pedagógica da agricultura familiar na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nicolau Neres da Silva. Nessa perspectiva, a pesquisa teve como objetivo geral investigar se a feira pedagógica valoriza os saberes dos estudantes do campo, além disso, objetivou-se, especificamente, entender o processo de construção das identidades dos estudantes da educação do campo a partir da Feira Pedagógica e descrever as principais ações desenvolvidas durante a feira pedagógica da agricultura familiar.

A ideia partiu de uma pesquisa durante a especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia. Para compreender o processo de constituição da feira, foram entrevistados 19 estudantes do ensino médio – que participaram da feira pedagógica da agricultura familiar.

A escola Estadual de Ensinos Fundamental e Médio Nicolau Neres da Silva é a única escola que atende aos estudantes de ensino médio na Vila São Francisco, km 14-Irituia-PA. A respectiva escola apresenta uma pluralidade de estudantes, pois se localiza em uma vila, mas recebe estudantes de territórios de assentamentos da reforma agrária, acampamentos quilombolas e agricultores familiares.

Baseado nas diretrizes que constituíram as escolas do campo, a escola em destaque é caracterizada como escola do campo, apesar de o seu projeto político pedagógico, não estar voltado para a educação do campo. Nesse sentido, ela apresenta ações importantes no fomento de práticas pedagógicas e

viabiliza projetos autônomos e propostas nascidas na escola, com estreita relação nos princípios da Educação do Campo, como é o caso da feira pedagógica de agricultura familiar, objeto desta pesquisa.

A escola inserida no meio rural é um espaço que pode servir para a manutenção dos problemas sociais, na medida em que não discute e nem reflete os conflitos da realidade local, ou poderá buscar possibilidades de construção de outra realidade, ou seja, na medida em que se passa a reconhecer a escola como lugar que pode contribuir para refletir os problemas e tentar construir outra relação com o mundo de forma mais crítica, começa-se a implementar uma educação camponesa como prática educativa.

O interesse pela presente pesquisa, portanto, está diretamente ligado às nossas trajetórias com experiências na prática educativa em Escolas Públicas do Campo da Amazônia Paraense e sobre o nosso “encantamento” com projetos desenvolvidos em escola pública que potencialize as identidades dos estudantes do campo – caso do projeto da feira pedagógica.

2. Materiais e Métodos

A pesquisa ocorreu na Escola Estadual de Ensinos Fundamental e Médio Nicolau Neres da Silva – Instituição pertencente à Rede Estadual do Pará- SEDUC e que se localiza na comunidade São Francisco – KM 14, município de Irituia-Pará. Foram sujeitos desta pesquisa 19 estudantes do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nicolau Neres da Silva, sendo oito do sexo masculino e onze do sexo feminino. A escolha dos estudantes correu a partir do envolvimento de cada um nas ações da feira pedagógica e nesse sentido, ampliaram a visão sobre o fazer pedagógico dentro e fora da sala de aula.

Constituiu-se de uma abordagem qualitativa, pois a abordagem qualitativa permite obter informações mais próximas da realidade. Além de pesquisa de campo é também uma pesquisa bibliográfica e nesse sentido foi importante para o referido estudo, pois subsidiou os elementos que nos permitiram compreender a identidade do sujeito do campo no contexto do projeto da feira pedagógica da escola Nicolau Neres.

Foram realizadas entrevistas estruturadas, “São aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna [...]”. (Severino, 2013, p.108) com um “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.” (Severino, 2013, p.109).

Dessa forma, o levantamento dos dados ocorreu em dois momentos: inicialmente, por meio da revisão bibliográfica e posteriormente, com a coleta de dados, que ocorreu por meio das perguntas estruturadas e semiestruturadas. As questões versaram sobre as ações relacionadas à feira pedagógica da agricultura familiar na Escola Estadual Nicolau Neres da Silva. Logo após a catalogação, os dados foram analisados e interpretados, como é possível se observar a seguir.

3. Resultados e Discussões

A Feira pedagógica da agricultura familiar é uma atividade educacional que acontece desde o ano de 2019, na escola Nicolau Neres da Silva. Ela foi interrompida no período da pandemia, mas retornou em 2022. Ocorre no período entre abril e maio – e conta com a participação significativa da comunidade escolar, sendo a atividade pedagógica que mais envolve a participação dos pais e responsáveis dos estudantes.

Até o ano de 2023, já ocorreram três edições da feira. Ela surgiu a partir da proposta de uma professora de geografia (Maria Jacione da Silva Freitas), mas foi aderida desde o primeiro ano de existência, por outros professores, transformando-se em um projeto da escola. Sendo assim, em 2023, a referida atividade integrou-se ao Projeto Político Pedagógico da escola.

Segundo a organização do evento, no ano de 2023, a feira pedagógica da agricultura familiar realizada na escola estadual Nicolau Neres da Silva – Instituição de ensino público contou com apresentações de diversas atividades, as quais contemplam diferentes áreas do conhecimento, permitindo o desenvolvimento de conteúdos de forma interdisciplinar, dentro da temática da *agricultura familiar*. Ainda segundo a organização, foram apresentados projetos de grande relevância que apontaram a importância e viabilidade de práticas

sustentáveis tais como: produção de açaí, produção e exportação de farinha, feira popular do município de Irituia e reaproveitamento de alimentos.

Para a coleta de dados, foram entrevistados 19 estudantes, os quais responderam a sete perguntas semiestruturadas que englobaram questões sobre identidades e cultura no contexto do projeto da feira pedagógica desenvolvido na escola.

Inicialmente, perguntamos se os estudantes participaram da feira pedagógica da agricultura familiar realizada em 2023, se sim, de qual forma se deu esse processo; os 19 estudantes responderam que sim, ou seja, todos estudantes entrevistados participaram da feira pedagógica da agricultura familiar. A participação deles na feira ocorreu da seguinte forma: dez estudantes a partir da doação de produtos da agricultura familiar; cinco por meio de salas de exposição, um na venda de produtos na feira da agricultura familiar (mas ao longo do processo, outros ajudaram a vender) e todos os estudantes nas apresentações culturais; ou seja, como a feira pedagógica ofereceu várias ações pedagógicas voltadas para a agricultor familiar, os estudantes puderam participar de mais de uma ação proposta na feira, inclusive, durante a feira, quase todos venderam os produtos aos visitantes do projeto, como se pode observar na foto abaixo:

Figura 1-Estudantes vendendo os produtos da agricultura familiar na feira pedagógica da agricultura familiar



Fonte: Acervo da escola (2023).

Os depoimentos dos estudantes mostraram o quanto os elementos culturais foram visibilizados durante a feira, logo, essa metodologia desenvolvida na escola é válida por trazer muito dos lugares de vivência de cada envolvido(a). Tais experiências servem para “Relatar um mundo de quem nós somos, ou a quem pertencemos, nos traz à memória que existem pessoas, espaços, lugares, religiões e culturas diferentes das quais uma pessoa e outra acreditam [...]”. (Corrêa e Neves, 2021, p.552). A escola é assertiva quando valoriza a cultura dos estudantes, pois eles não são homogêneos. Essa interculturalidade representa um elo pedagógico importante para os estudantes que vêm de realidades diferentes.

Em consonância com a pesquisadora, projetos como esse, desenvolvidos na escola, favorecem a produção e a significação dos saberes e dos conhecimentos dos diferentes grupos culturais que existem no ambiente escolar, pois quando as meninas e os meninos dos assentamentos, acampamentos e quilombos trazem os elementos de seus territórios, trazem consigo muito de sua cultura, de sua identidade, seja na produção agrícola, no jeito próprio de produzir os alimentos, ou em manifestações culturais como dança e música, como comprova a figura 2.

Figura 2 – Estudantes do ensino médio, pertencentes à comunidade quilombola Santa Terezinha no município de Irituia-PA, em número de dança na feira pedagógica.



Foto: Acervo da escola, (2023).

Outra atividade de destaque na feira pedagógica foram apresentadas nas

salas de exposição construídas pelos estudantes, como demonstra a figura a seguir:

Figura 3 - Sala de exposição, apresentada pelos estudantes do ensino médio, sobre produtos da agricultura familiar



Foto: Acervo da escola, 2023.

A sala de exposição, de acordo com os 19 entrevistados, foi a mais representativa, segundo 13 deles, os quais afirmaram que o fato de ela trabalhar sobre a produção econômica e produtiva do açaí, e demonstrar o processo produtivo e comercial de produtos da agricultura familiar, permitiu vivenciar os saberes trazidos de suas comunidades e nesse sentido, eles se sentiram identificados com uma ação que foi capaz de promover representatividade no contexto teoria-prática em sala de aula.

Vale ressaltar que os estudantes da referida escola têm muito contato com a cultura do açaí, o açaí dialoga com os seus lugares, o açaí tem significado social, cultural e afetivo. Ele permite que os estudantes ressignifiquem suas identidades e olhares sobre os próprios lugares de pertencimento, é muito importante práticas educativas que proporcionem o desenvolvimento de diferentes experiências vivenciadas pelos educandos, como afirma Lima (2013, p. 612).

Os saberes construídos no contexto das práticas educativas e curriculares devem, tanto, partir das experiências concretas dos alunos, quanto voltarem-se para a ampliação das competências e habilidades dos educandos para intervirem de forma crítica e competente enquanto agente político responsável pela transformação social da realidade do campo.

As práticas desenvolvidas a partir dos saberes dos estudantes com metodologias participativas promoveram a conexão entre teoria e prática, tendo os estudantes como protagonistas do processo de construção do conhecimento. “A apresentação pública dos trabalhos pelos estudantes, inerentes a projetos de feiras, também tem contribuído para o aumento do potencial criativo e realizador deles, além da intensificação das interações sociais” (Santos, 2012, p.157).

Nos comentários dos estudantes durante as entrevistas, ficou nítido o interesse que eles tiveram com as exposições. Possivelmente, isso tenha ocorrido devido às temáticas dialogarem diretamente com as suas vivências, como a produção de açaí e de farinha. Trabalhos pedagógicos como esse são relevantes para o estudante do campo, trabalhar com projetos que falem de suas identidades, os permite se conectarem consigo e com as suas comunidades, como afirma Gomes (2019), ao revelar que “O processo de luta empreendido pelos movimentos sociais do campo vem mostrando resultados e mudando essa realidade buscando construir uma educação ‘dos’ e não apenas ‘para’ os sujeitos do campo” (Gomes, 2019, p. 39).

A fala da autora é importante no sentido de entendermos a trajetória que tem sido construída na educação do campo, e quando vemos na atualidade, em escolas públicas da rede estadual, projetos como estes sendo desenvolvidos, é um processo que traz esperança, pois nos faz acreditar que a educação pode ser plural e heterogênea, de forma que valorize as histórias dessas meninas e meninos dos territórios rurais, que adentram as escolas públicas da Amazônia paraense.

Durante a pesquisa foi questionado também aos estudantes se a feira pedagógica contribuiu para o fortalecimento da identidade camponesa e todos os 19 estudantes responderam que sim. A unanimidade das respostas dos estudantes, demonstrou que os estudantes têm a compreensão de que as suas identidades foram fortalecidas por meio da feira pedagógica desenvolvida na escola.

Caldart (2002, p. 18) destaca que “[...] o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”. O que vemos é que infelizmente esse direito tem sido negado ao longo dos anos. Nessa direção, Caldart (2002, p. 18,

19), complementa que, “A educação do Campo tem se desenvolvido em muitos lugares através de programas, de práticas comunitárias, de experiências pontuais. Não se trata de desvalorizar ou de ser contra iniciativas porque elas têm sido uma das marcas de nossa resistência”. A referida citação nos ajuda a pensar na “boniteza” da educação do campo, pois ainda que alguns governos não tenham tratado a educação do campo com a seriedade que ela precisa, há muitas iniciativas que são pensadas nos territórios, como a desenvolvida na escola Nicolau Neres.

Os estudantes, ao serem interrogados sobre a parte cultural da feira, teceram comentários positivos “*Nota 10, uma ótima feira com alimentos típicos da nossa região e deliciosos*” (Entrevistado 02). O entrevistado 12 destacou que “*Foi muito boa e educativa para nós da área rural de Irituíia*”. Já o entrevistado 15 ressaltou que “*cada ano gosto mais dessa feira pedagógica, ela me representa, sabe... alimentos do meu sítio na escola, isso é massa demais.*”

O comentário dos entrevistados evidenciam a satisfação na participação da feira. Ao analisar o discurso dos estudantes percebemos que trazem nos comentários, elementos pontuais como a questão do alimento de seu território que o estudante menciona que a feira representa para eles. Nesta perspectiva, a educação do Campo não é desvinculada de outras lutas, por isso é importante que temas da agricultura familiar sejam pautados nos diferentes componentes curriculares das escolas que atendem aos estudantes do Campo. (Neves, 2012, p. 36), relata que “a [...] *Agricultura familiar* pressupunha a resistência política à concentração de meios de produção e à deterioração das formas de inserção do trabalho assalariado na agroindústria”.

A partir da fala da pesquisadora é possível perceber o quanto a produção da agricultura familiar tem sido importante para a permanência dos sujeitos do campo. Assim, consideramos de bastante relevância que a agricultura familiar seja colocada em pauta nas salas de aulas que atendem aos estudantes do campo, principalmente, no ensino médio, pois nesta etapa de ensino, a maioria dos estudantes já tem maior compreensão de entenderem determinados conceitos, e é na conclusão desta etapa de ensino, que ingressam no nível superior, e sem a compreensão do verdadeiro valor da agricultura, muitos se

deslocam para outros municípios maiores, a fim de estudarem nas universidades cursos que não dialogam com os seus territórios, e na maioria das vezes, não retornam para o campo.

Segundo Neves, 2012, p.37)

Os sentidos que no contexto estão implicados o termo *agricultura familiar* acena para um padrão ideal de integração diferenciada de uma heterogênea massa de produtores e trabalhadores rurais. Tal integração se legitima por um sistema de atitudes que lhe está associado, denotativo da inserção num projeto de mudança da posição política. (Neves, 2012, p. 37),

A autora demonstra o quanto é importante compreendermos o sentido do debate da produção da agricultura familiar, pois ela está além do viés unicamente econômico. Esse debate é político, social e cultural e mostra que o fazer da agricultura familiar é um fazer que garante a permanência de sobrevivência do homem e da mulher do campo, que não são meros trabalhadores de suas terras, mas são produtores de territorialidades, de suas histórias e memórias. Nesse sentido,

[...] a agricultura familiar apresenta um enraizamento social muito forte em relação ao território sobre o qual se insere. Esses sistemas produtivos são desenvolvidos ao longo dos anos a partir de aspectos físico-geográficos, históricos, culturais e econômicos, sendo, assim, um importante definidor de identidade territorial e coesão para as famílias que o compõem. (Silva, 2015, p14).

Corroboramos com o pesquisador de que a agricultura familiar tem um papel fundamental no território e consideramos de suma importância que esse tema seja trabalhado nas escolas que atendem aos agricultores. É uma forma de reafirmar sua importância para esses sujeitos, principalmente, com o avanço da monocultura e dos grandes projetos capitalistas que no decorrer dos anos, tem avançado para as terras amazônicas, como é o caso da produção do dendê no município de Irituia.

É válido que as práticas pedagógicas possam inserir temas como o da agricultura familiar nos currículos escolares. Nesse sentido, Molina e Sá (2012, p. 329) trazem uma questão importante: “A escola do campo deve fazer o enfrentamento da hegemonia epistemológica do conhecimento inoculado pela ciência capitalista”, com isso, as autoras querem explicar sobre a ruptura

necessária à hegemonia, e uma das formas de fazer essa ruptura na escola que atende aos estudantes do campo é trabalhando com um currículo que valorize esses sujeitos, currículos flexíveis que respeitem as territorialidades desses estudantes.

Molina e Sá (2012) afirmam que é necessário quebrar a distinção que é acentuada entre conhecimentos científicos e conhecimentos populares, em que o capitalismo acentua o processo de divisão social. Dessa forma, a escola exerce um papel importante, quando ela põe em prática trabalhos pedagógicos de valorização da identidade dos estudantes.

Os estudantes ao serem questionados como avaliavam a participação na feira pedagógica desenvolvida na escola, trouxeram relatos que confirmam o quanto é notório aliar teoria à prática: *“muito boa, participei de várias ações dentro dela, desde trazer o alimento que produzi, até entender a importância dele”* (Entrevistado 04), já o entrevistado 10 destacou o seguinte: *“importante para mim como produtor de mel com a minha família, aprendi coisas boas nela.”* O entrevistado 11 considerou *“Boa, ajudei bastante. Foram dias de trabalho, mas valeu a pena vê os nossos produtos na feira”*, o entrevistado 12, por sua vez, ressaltou: *“Minha participação foi boa, acredito, muito trabalho durante dias, mas fiquei satisfeito, poxa vê os alimentos produzidos por mim e pela minha família, aqui exposto na escola, foi emocionante”*.

A partir do discurso dos estudantes, pode-se afirmar que a feira pedagógica, demonstra ser mais do que um evento escolar, ela constituiu-se em um momento riquíssimo que possibilitou o protagonismo dos estudantes no processo de construção do conhecimento. E é nessa valorização da diversidade e da pluralidade de saberes dos estudantes do campo, que a escola exerce seu papel social, articulando os saberes por meio de políticas de identidades.

Segundo Corrêa e Neves (2021, p. 555) precisamos [...] “pensar a cultura como modo de vida, vivências e experiências integradas ao cotidiano dos sujeitos, o que torna suas práticas relevantes e essenciais para dialogar com a educação do campo na construção de sujeitos sociais”. A figura 4 traz um desses momentos interativos com a comunidade.

Figura 4 - Movimentação da comunidade escolar na feira pedagógica, da escola no ano de 2023.



Foto: Acervo da escola (2023)

Por meio da pesquisa verificou-se que houve um aprendizado real a partir dessa experiência, como relataram os seguintes entrevistados: “[...] *que todos devemos cuidar do mundo bem, e assim, tudo pode dar certo, parar de poluir os lugares, e assim, a agricultura vai crescer ainda mais etc..*”. (entrevistado 05). Quanto ao entrevistado 8, este demonstrou que foi a “importância da área rural para nós jovens agricultores”. Já o estudante 10; “*a importância da agricultura familiar para o nosso sustento e das pessoas que moram na cidade*”. Estudante 11 mencionou que “*a importância de trabalharmos mais esses assuntos sobre a agricultura familiar é valorizar a terra e o que ela dar para o sustento*”.

Os discursos acima demonstram com nitidez o quanto os estudantes respeitam e valorizam a agricultura familiar, pois a feira é uma demonstração do currículo trabalhado sob uma perspectiva coletiva e torna-se um processo de partilha das vivências diárias dos estudantes. Nessa ótica, concordamos com Diniz et al (2011, p.321) e defendemos o currículo-rizoma como explicitado por eles que:

[...] O currículo-rizoma funde saberes: a ciência, a religião, a filosofia, o senso comum, as artes e o mito formam cosmos, teias que são tecidas como fios de crochê, sempre abertas a novos pontos, mas que almejam traçar várias direções e visam à construção de complexas redes de conhecimentos, conectadas, sem vaidades, que dialogam entre si, se abrem e convidam à integração entre as disciplinas curriculares.

É exatamente essa diversidade curricular que interessa à educação do campo, assim como à educação em geral. Os estudantes do campo precisam ter a seu dispor essa integralização de maneira clara e que valorize seus territórios.

Ao questionar se o estudante considerava importante que a escola discutisse o tema da agricultura familiar e por quais motivos, as respostas foram bem consistentes. O estudante 01 respondeu: “sim, considero, porque é muito importante para reconhecermos nossa cultura”. Já o estudante 02 ponderou: “Sim, pois assim, várias pessoas ficam sabendo da importância da agricultura”. O estudante 03; mencionou “sim, porque a maioria dos estudantes trabalham na agricultura familiar” e assim, notou-se nesses e nos demais discursos como é válido valorizar o que o estudante traz e não apenas nos preocuparmos em sala de aula a apresentar conceitos novos e às vezes, diferentes da realidade local.

Os discursos dos estudantes ressaltaram bastante a importância da escola trabalhar com o tema da agricultura familiar, todas as falas aqui mencionadas demonstram a satisfação dos estudantes no que se refere à importância do debate da agricultura familiar durante o projeto da feira pedagógica. Nesta perspectiva, os pesquisadores Fernandes e Molina (2004, p.8) destacam que

[...] trabalhar na terra, tirar da terra a sua existência, exige conhecimentos que são construídos nas experiências cotidianas e na escola. Ter o seu território implica em um modo de pensar a realidade. Para garantir a identidade territorial, a autonomia e organização política é preciso pensar a realidade desde seu território, de sua comunidade, de seu município, de seu país, do mundo. Não se pensa o próprio território a partir do território do outro. Isso é alienação.

Concordamos com os pesquisadores de que o sujeito do campo precisa pensar a partir dos seus territórios de saberes, por isso acreditamos que quando a escola promove projetos como o da feira da agricultura familiar, ela oferta uma contribuição na valorização da identidade do sujeito do campo.

Para ampliar o convite à comunidade local, a organizadora da feira elaborou *folders*, a fim de instigar a participação do maior número possível de responsáveis, pais, demais estudantes, professores e vizinhança próxima, como se pode observar na figura 5 abaixo.

Figura 5 - Folder da III Feira pedagógica da agricultura familiar



Fonte: acervo da escola (2023)

A imagem do *folder* com a divulgação da feira, apresenta o rosto de uma estudante camponesa com produtos produzidos na roça de sua família e a frase é da professora criadora da feira pedagógica. Desde a divulgação, é possível observar que a escola valoriza a cultura local.

A partir do que foi exposto, pode-se destacar a contribuição das feiras pedagógicas no fortalecimento das identidades camponesas, pois por meio delas é possível realizar atividades integradoras entre a ciência e os conhecimentos populares dos povos do campo. Como relata Caldart (2002, p. 18), ao falar sobre o campo afirma que “[...] o campo existe e que legitima a luta por políticas públicas e por projeto educativo próprio para quem vive nele.” Assim, a pesquisadora reforça as conquistas que foram efetuadas no que tange às políticas públicas e deixa nítido o que já sabemos: que no campo também temos a oportunidade de ter garantias que respeitem os contextos.

Sabemos que todas as iniciativas são válidas, mas como bem explicita Caldart (2002, p. 19),

Este olhar para a educação do campo como um direito de um outro desdobramento importante: pensar uma política de educação que se preocupe também com o sujeito de educar quem é sujeito deste direito, de modo a construir uma qualidade de educação que forme as pessoas como sujeitos de direitos.

Dessa forma, se compreende que a educação do campo precisa ser bem articulada, bem elaborada, a partir do conjunto de elementos que são necessários como pensar o currículo, o Projeto Político pedagógico da escola, o território e suas peculiaridades, como é o caso da Amazônia, uma região tão

plural no espaço do campo.

Caldart (2002, p. 20), ressalta que, “Os sujeitos da educação do campo são aquelas pessoas que sentem na própria pele os efeitos dessa realidade perversa, mas que não se conformam com ela”. Realmente sabe-se que quanto às políticas de educação do campo, há resistência e a luta é árdua.

O Brasil com toda essa diversidade de povos do campo não pode ter um projeto homogêneo de educação do campo, Caldart (2002, p. 21), diz que [...] “são diferentes jeitos de produzir e de viver; diferentes modos de olhar o mundo, de conhecer a realidade e de resolver os problemas; diferentes jeitos de fazer própria resistência no campo; diferentes lutas”. Acreditamos que essa poderá ser uma das razões por defendermos a educação do campo, que possa ser a representatividade dos sujeitos de cada território. Nesse sentido, destaca Caldart (2002, p. 22), [...] “É por isso que afirmamos que não há como verdadeiramente educar os sujeitos do campo sem transformar as circunstâncias sociais desumanizantes, e sem prepará-los para ser os sujeitos destas transformações.”

Caldart (2002, p. 23), diz que “[...] A educação do campo é intencionalidade de educar e reeducar o povo que vive no campo na sabedoria de se ver como “guardião da terra”, e não apenas como seu proprietário ou quem trabalha nela.”. Essa afirmativa é válida, principalmente, para nós que moramos na Amazônia, pensar na defesa da Amazônia, pensar na nossa sobrevivência humana e dos demais seres vivos. Assim, acreditamos que projeto como esse apresentado nesta pesquisa tem uma grande contribuição para os estudantes.

A partir das entrevistas que fundamentam esta pesquisa e dos dados coletados durante este estudo, compreendemos, que a pesquisa revelou que a escola estadual Nicolau Neres da Silva, por meio da feira pedagógica da agricultura familiar, contribui para o fortalecimento da identidade e cultura da juventude do campo e serviu para valorizar os diferentes saberes e aprendizagens de cada estudante na interação com a comunidade local.

4. Considerações

A partir dos depoimentos e da experiência no projeto da Feira Pedagógica, pode-se afirmar que a pesquisa foi relevante para a discussão sobre a

necessidade de relacionarmos ações práticas às teorias estudadas em sala de aula e às vivências do contexto dos participantes que, posteriormente, contribuem para a aprendizagem dos estudantes. A interação entre os estudantes e a comunidade participante permitiu divulgar a experiência dessa escola pública que atende a estudantes do campo, que mesmo não tendo, em grande escala, políticas públicas eficazes de apoio para desenvolver determinados projetos, ousa fazer a diferença.

Assim, dar visibilidade a determinadas práticas pedagógicas, principalmente, para as voltadas para a educação do campo é extremamente válido para o campo científico. A experiência permitiu aprender muitas lições, dentre elas, a de que educação não se faz somente com os livros didáticos, mas se faz com os saberes das meninas e meninos que adentram as escolas da Amazônia paraense, cujos sujeitos sabem muito mais da cultura do açaí, da farinha, da cultura amazônica, do que os livros didáticos que encaminham histórias contadas por quem está externo a esse contexto e nem sempre conhece a realidade local em sua exatidão.

Nas experiências com os sujeitos, as histórias são contadas por quem vive na prática e conhece de perto a cultura amazônica, projetos como estes precisam ter maiores investimentos e visibilidade, pois é na luta e na resistência que se vai quebrando o latifúndio do saber e ressignificando os territórios de vidas na Amazônia paraense.

Acredita-se que é o momento de todas as escolas do campo abrirem os portões para a comunidade entrar com os seus saberes, pois a escola, espaço em que os estudantes do campo passam boa parte de suas vidas, precisam falar de seus territórios, da agroecologia do saber, ou melhor, do bem viver; dessa forma, a escola contribui para uma educação que de fato fale de vidas, de justiça social e de um país de igualdade que valorize as práticas camponesas de quem põe alimento em nossa mesa.

A escola potencializa seu processo de ensino e aprendizagem, quando abre o diálogo para a interculturalidade. Esse processo demonstra que a escola ultrapassou o processo de homogeneização. Ressaltamos que é preciso construir relações com os atores da escola, para assim, fortalecer dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais das comunidades camponesas e

trabalhar no sentido de educar para a autonomia e emancipação dos sujeitos.

Considera-se que esta foi uma pesquisa necessária, porque divulgou a experiência de uma escola pública que atende a estudantes do campo, os quais mesmo não tendo muitas políticas públicas eficazes de apoio para desenvolver determinados projetos, ousam fazer a diferença. Assim dar visibilidade a determinadas práticas pedagógicas, principalmente, para as voltadas para a educação do campo é extremamente importante para o campo científico.

A pesquisa não se encerra aqui. É necessário que outros vieses sejam mostrados, pois ainda temos muito a aprender com a educação do campo e entender que formação a partir das práticas pedagógicas que respeitem as diversidades e o contexto local, regional deve ser algo mais usual e realizado com maior frequência nas escolas brasileiras, sejam elas situadas no campo ou na cidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO. M. G.; CALDART. R. S. e MOLINA. M. **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a Política de educação do campo e o programa nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. 05 nov. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm>. Acesso em: 12 nov. 2023.

CALDART, Roseli Salette. **Por uma Educação do campo: Traços de uma identidade**. In: Kolling, Edgar Jorge et al (org). Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Coleção Por uma educação do campo. nº 04, Brasília: DF. Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

CORRÊA, J.L.C; NEVES, M.O. **Educação do Campo: narrativas que protagonizam práticas de resistência**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2021.

DINIZ, Francisco Perpetuo Santos, COSTA, DINIZ, Ana Cristina Lima e SANTOS, Raimundo Erundino. **Territórios, rizomas e o currículo na escola**. Ver a Educação, v. 12, n. 2, p. 313-328, jul./dez. 2011.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **O campo da Educação do Campo**. Presidente Prudente - SP: UNESP, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Maria José de Souza. **Práticas Educativas da Educação do Campo na Escola Estadual Madre Cristina** – Assentamento Roseli Nunes. Cáceres, 2019.

LIMA Elmo de Souza. Educação do Campo, Currículo e Diversidades Culturais. **Espaço do Currículo**, v.6,n.3, p.608-619, setembro a dezembro de 2013 ISSN 1983-1579. Disponível em:<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec608>. Acesso em 15 de novembro de 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

NEVES, Delma Pessanha. **Agricultura familiar**. In: Caldart, Roseli Salette (org). Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SANTOS, A. B. **Feiras de Ciência: um incentivo para desenvolvimento da cultura**. científica. Revista Ciência em Extensão, São Paulo, v.8, n.2, p.155-166, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico], 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Sandro Pereira **A agricultura familiar e suas múltiplas interações com o território: uma análise de suas características multifuncionais e pluriativas**. IPEA- Brasília, abril de 2015.